



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR
Vol. XXI (2020)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)
ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Coomans, Thomas. 2018. *Life Inside the Cloister: Understanding Monastic Architecture: Tradition, Reformation, Adaptive Reuse*. Lovaina: Leuven University Press, 176 páginas, ISBN: 978-94-627-0143-4.

Maria Luísa Jacquinet 

Como Citar | How to Cite

Jacquinet, Maria Luísa. 2020. «Coomans, Thomas. 2018. *Life Inside the Cloister: Understanding Monastic Architecture: Tradition, Reformation, Adaptive Reuse*. Lovaina: Leuven University Press. 176 páginas, ISBN: 978-94-627-0143-4». *Anais de História de Além-Mar* XXI: 385-391.
<https://doi.org/10.57759/aham2020.34374>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2020. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2020. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Coomans, Thomas. 2018. *Life Inside the Cloister: Understanding Monastic Architecture: Tradition, Reformation, Adaptive Reuse*. Lovaina: Leuven University Press. 176 páginas, ISBN: 978-94-627-0143-4, DOI: <https://doi.org/doi/10.2307/j.ctv157bgm>.

Editado em 2018, em pleno Ano Europeu do Património Cultural, onde o «repensar as paisagens e os sítios industriais, religiosos e militares» assumiu relevância particular, *Life inside the cloister*¹, a mais recente obra de Tomas Coomans, surge como corolário da extensa bibliografia do Autor sobre o tema e refle a sua vasta experiência enquanto professor do Mestrado Avançado em Conservação de Monumentos e Sítios, da Universidade de Lovaina, fazendo assim eco das mais recentes inquietações e demandas académicas e teóricas a que a problemática apela.

Oportunidade, atualidade e autoridade são, pois, traços que emolduram a fachada desta obra e orientam a visita ao seu espaço interno. Neste, é-nos desde logo proposta uma incursão pelo sentido da arquitetura monástico-conventual do mundo cristão ocidental no seu conjunto, enquanto processo de «organização tangível e intangível do espaço e tempo pelas comunidades religiosas sujeitas a uma Regra» e uma reflexão sobre «a sobrevida de mosteiros e conventos numa sociedade ocidental onde o catolicismo foi exculturado»² (p. 12). Numa palavra, o trabalho articula-se em torno da questão: «Como é que, tomando a arquitetura

¹ Não estando o livro vertido em português, optou-se pela tradução livre de título e citações. O título completo corresponderia a: «A vida no interior do claustro. Para uma compreensão da arquitetura monástica: tradição, reconversão, reutilização adaptativa.»

² O conceito de «exculturação» do catolicismo foi crismado pelo sociólogo Danièle Hervieu-Léger, em *Catholicisme, la fin d'un monde*, obra de 2003, editada pela Bayard.

como ponto de partida, é possível retraçar o seu uso de modo a recuperar aquilo que foi (ou é) um misto de dimensão espiritual e tangível?» (p. 12).

A circunscrição do campo de indagação ao cristianismo ocidental ou, mais exatamente, ao catolicismo europeu não é despicienda: foi aí que a arquitetura monástica enfrentou o processo de dessacralização e desafetação e, na sua sequência, de reconversão e reutilização. E essa reutilização implica, se bem sucedida, o respeito pelo valor patrimonial indexável ao doravante «antigo mosteiro», respeito que apenas se alcança pelo apuramento do significado, material e simbólico, de tal herança. Vida e sobrevivência do edificado tocam-se inexoravelmente e, no texto em foco, a última assume-se como oração principal e, a primeira, como subordinada.

De estilo simples e despretensioso e informado por intenção didática, integrando *corpus* de imagens de assinalável qualidade gráfica e diversidade e abrangência de conteúdo, o livro apresenta-se como recurso bibliográfico de referência especialmente dirigido aos estudiosos da arquitetura e do património e a todos aqueles que de perto lidam com a intervenção em imóveis históricos de natureza religiosa.

A sua estrutura é clara e definida, refletindo diretamente os dois grandes objetivos que assume prosseguir. Dividindo-se em quatro partes, que integram, no seu todo, vinte e seis breves capítulos, debruça-se, nas três primeiras, sobre a compreensão da arquitetura monástica e da sua complexidade, e, na quarta e última, sobre o edificado enquanto sobrevivência material.

O trabalho abre com uma perspetiva histórica da organização do espaço e tempo monásticos, definindo os elementos que deram sucessivamente forma à vida religiosa desde as primeiras experiências eremíticas, no séc. III, até à generalização do paradigma monástico ocidental, no séc. IX. Às questões «Como é que, ao fim de vários séculos, o espaço de abadias e mosteiros passou a organizar-se em torno do claustro?» e «Como é que a organização espacial se converteu em tradição monástica?» (p.17), são chamadas a responder, enquanto pontos de análise, a cela, a Regra, a comunidade, a igreja e o claustro. A este primeiro tópico segue-se a explicitação da diversidade das tipologias arquitetónicas enquanto tradução de uma identidade religiosa fundada na Regra. Abadia, cartuxa, castelo, convento mendicante, *béguinage*, hospital («Hôtel-Dieu»), palácio e mosteiro familiar são os tipos identificados como mais expressivos do universo monástico-conventual em foco. Fecha a secção sobre a «vida útil» da arquitetura monástica a análise dos «caracteres» (ou princípios) que permitem explicar a sua evolução espaço-temporal independentemente dos seus diferentes con-

textos e identidades. São eles: lugar de implantação e estabilidade, clausura e género, liturgia e identidade, morte e memória, escala e crescimento, e, por fim, estilo. À quarta parte fica reservada a reflexão sobre a arquitetura monástica enquanto herança material de uma realidade tangível e intangível desinvestida de sacralidade e destituída da sua primitiva função. O processo de sobrevida do espaço é aqui tipificado de acordo com a sua reconversão funcional, podendo configurar um uso agrícola, industrial, residencial, penal, militar, educacional e cultural.

Percorre toda a obra, como um fio vermelho, a riqueza e complexidade da conceção do espaço monástico. Espaço que incorpora uma dimensão tangível e intangível, material e espiritual, funcional e simbólica, espelhando a vida da comunidade regular e simultaneamente a secundando e condicionando. Espaço que, imbuído da sacralidade que acolhe, se torna seu testemunho e veículo quando o sagrado não sobrevive aos muros que o sustentam. Organismo vivo, desafiando a aparente estabilidade a que apela a mole construída e a longa duração do corpo clerical que o habita, o mosteiro integra, sem prejuízo da sua identidade ou autenticidade, as alterações na organização espacial que o tempo impõe - em resposta seja a reformas da Igreja, da Ordem ou da comunidade, seja à evolução urbana ou a contextos sociais e políticos específicos. Comum à maioria das casas regulares, esta integração revela singular expressividade naqueles a que o Autor significativamente designa com «mosteiros-palimpsesto», cujo presente é o resultado de sucessivos estratos de alterações, nem sempre facilmente identificáveis.

Neste quadro concetual, não é de estranhar que qualquer análise de teor formalista ceda perante uma indagação interpretativa. Só assim, aliás, se torna possível pensar sobre outra das palavras-chave do sólido e coerente vocabulário teórico do Autor: a sobrevida (se quisermos, vida *post-mortem*) do edificado, substanciada na herança patrimonial, que indexa ao espaço doravante desafetado a memória e sacralidade do antigo e a transmuta em valor cultural. É no período da sobrevida e já não da vida que pode ter lugar a reutilização adaptativa do espaço, cujo êxito se mede pela capacidade de preservar o valor de memória nele contido.

O tipo de conceção histórica e filosófica do espaço monástico, que a patrimonialização substancia, abre o texto à cogitação sobre o sentido das intervenções num «antigo mosteiro» - *pars pro toto* de qualquer antiga estrutura religiosa de comunidades regulares e respetivo lugar de implantação -, no que é, sem dúvida, o seu contributo mais inovador. Ao focar a sobrevida do espaço, adentra-se no mundo contemporâneo e na questão, eminentemente atual, da reutilização, adaptação e reutilização adaptativa da arquitetura monástica. Tema já abordado pelo Autor em *Reuse of Sacred Places* (Coomans 2012, 221 – 241)³, é aqui reproposto na sua relação com a historicidade do património.

É nesta secção, mais que nas precedentes, que o trabalho ultrapassa as fronteiras concetuais abraçadas por obras de referência na área, como a clássica de Braunfels, *Monasteries of Western Europe*, editada pela primeira vez em 1972⁴. De facto, o período contemporâneo, que enquadra o fenómeno da supressão das Ordens e congregações religiosas, o posterior reflorescimento da existência congreganista e, a partir sobretudo da década de Sessenta de Novecentos, o definhamento da vida monástica em virtude da crise de vocações, aparece tendencialmente elidido das obras de carácter geral que têm a arquitetura monástica do Ocidente europeu como principal objeto. De igual modo, o *corpus* apresentado em *Life inside de Cloister*, circunscrito, muito embora, ao cristianismo ocidental, arreda-se de uma noção não incomum de representatividade assente aprioristicamente num padrão de natureza geográfica, epocal ou mesmo estética.

No interior do claustro cabem, pois, os edifícios nascidos entre a segunda metade de Oitocentos, aproximadamente, e os nossos dias, bem como todas as intervenções na estrutura e no uso de cenóbios desafetados. E, se estas intervenções não constituem novidade – atente-se na reutilização de conventos extintos para as mais diversas funções, desde militares a hospitalares –, fenómeno recente deve, contudo, ser considerado a atualmente tão glosada «reutilização adaptativa», onde os valores patrimoniais do edificado e o significado cultural do lugar devem imperativamente ser respeitados. Neste contexto emergente, ressaltam conceitos - sustentabilidade, valor imobiliário ou turismo - e referências normativas - Carta de Veneza, de 1944, ou Carta de Burra, de 2013 – que,

³ *Vd.* Coomans, Thomas. 2012. «Reuse of Sacred Places: Perspectives for a Long Tradition». In *Loci Sacri. Understanding Sacred Places*, ed. por Thomas Coomans, Herman De Dijn, Jan De Maeyer, Rajesh Heynickx, Bart Verschaffel, 221-241. Lovaina: Leuven University Press.

⁴ *Vd.* Braunfels, Wolfgang. 1972. *Monasteries of Western Europe: The Architecture of Orders*. Princeton: Thames and Hudson.

pela atualidade ou pelo campo semântico, se encontram normalmente apartadas da narrativa histórica incidente sobre a evolução do património monástico.

A análise de Coomans sobre a reutilização adaptativa gira em torno de questionamentos cuja resposta parece apontar para uma indagação especulativa. «Como perpetuar o espírito ou património intangível da vida no interior do claustro depois da partida da comunidade religiosa?», «Qual o valor desse património sagrado na sociedade atual?», demanda o autor (p. 9). Ou ainda: «como pode a mudança da sacralidade da religião para a sacralidade do património e da cultura ser bem sucedida?» (pp. 154-5).

Não sendo retóricas, estas perguntas sugerem a necessidade de critérios, desde logo para a atribuição de um valor patrimonial. Não obstante a existência de um corpo normativo nacional e internacional, certo é que quaisquer critérios, porquanto históricos, enfermam inevitavelmente de um carácter revisível, o que teoricamente conflitua com a noção de «perpetuação» da memória ou do espírito do lugar (*genius loci*). Ademais, se a bondade da intervenção se afere pelo respeito pela herança histórica, deve contudo reconhecer-se que aquela pode obedecer a distintos princípios e configurar resultados igualmente distintos, como destaca Karen Lens (Lens 2014, 705–714)⁵, que, através do estudo comparativo de diferentes casos de reutilização adaptativa, disserta precisamente sobre a adequação do programa de intervenção à preservação do valor patrimonial do edifício ou lugar.

No caso específico da arquitetura monástica, a atribuição ou reconhecimento de um valor reveste-se de particular falibilidade, pois que, tratando-se de um espaço interdependente e no seu conjunto dotado de sacralidade, é difícil determinar uma hierarquia entre as partes que o constituem, sendo porém certo que o conceito de hierarquia integra a prática da intervenção arquitetónica em património histórico. Como aferir hoje, questionar-nos-íamos, o valor de uma divisão aparentemente secundária e destituída de qualquer predicado material ou artístico, mas porventura

⁵ Cf. Lens, Karen. 2014. «Conservation of monasteries by adaptive reuse. Diversified program as a source of inspiration in past and future?». In *Rehab 2014 – Proceedings of the International Conference on Preservation, Maintenance and Rehabilitation of Historic Buildings and Structures*, ed. por Rogério Amoêda, Sérgio Lira e Cristina Pinheiro, 705-714. Barcelos: Green Lines Institute. ISBN: 978-989-8734-02-02014

infundida de especial significado simbólico para a comunidade de outrora? É aqui, sem dúvida, que a entra a História, tentando restituir à matéria uma integridade identitária entretanto desvanecida. E é aqui também que, uma vez mais, a relação entre dimensão tangível e intangível do património se coloca, apelando talvez à acentuação da perspectiva diacrónica e da variável de género para o acrisolamento da leitura da interação entre a comunidade religiosa e o espaço ao longo do tempo. Momentos tão expressivos para a vida das Ordens como a Reforma Gregoriana, a Contrarreforma ou o Concílio Vaticano II, assim como a conceção da clausura, poderiam ajudar a afinar a compreensão da diversidade da organização espacial e, desta forma, a aferir da sua valoração em termos patrimoniais.

O tipo de considerandos supra cai, porém, fora dos propósitos declarados do livro, que se estrutura em torno da arquitetura «na sua tangibilidade concreta e dimensão patrimonial» (p. 12) e se aparta de «abordagens teológicas, filosóficas e antropológicas do sagrado ou de vários tipos diferentes de lugares sagrados e do seu significado cultural» (p. 11). Bem entendido, a vantagem do carácter amplo e generalista guarda em si o seu próprio revés. Assim, análises incidentes sobre matérias mais específicas, como a arquitetura de determinada família religiosa ou época histórica definida, ou sobre os espaços criados por institutos que configuram uma fronteira institucional, como os recolhimentos e beatérios, podem não encontrar na obra resposta inequívoca. Outrossim, um estudo centrado na influência da variável de género sobre a espacialidade conhecerá preferencialmente suporte nas obras clássicas de Roberta Gilchrist, Helen Hills ou Gabriella Zarri⁶. Note-se, porém, que o âmbito alargado de *Life inside de cloister* não se traduz necessariamente na generalização dos fenómenos tratados, que a riqueza do *corpus* considerado vem precisamente matizar.

Academicamente oportuno e conceptual e metodologicamente atual, cientificamente autorizado, pragmático no propósito e na forma, rico de conteúdo, e, por tudo, eminentemente útil, ao novo livro de Coomans parece apenas faltar a tradução para outras línguas, nomeadamente latinas,

⁶ *Vd. respetivamente, Gilchrist, Roberta. 1994. Gender and material culture: the archaeology of religious women, Londres/Nova Iorque: Routledge; Hills, Helen. 2004. Invisible City: The Architecture of Devotion in Seventeenth-Century Neapolitan Convents. Oxford: Oxford University Press, e Zarri, Gabriella. 2000. Recinti: donne, clausura e matrimonio nella prima età moderna. Bolonha: Il Mulino.*

para se impor como recurso pedagógico de referência ao nível dos estudos avançados em Arquitetura, Artes e Património.

Maria Luísa Jacquinet

Universidade Autónoma de Lisboa; CHAM, FCSH, Universidade NOVA de
Lisboa, Portugal.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1444-3190>

mariajacquinet@gmail.com